

SIMPÓSIO TEMÁTICO 04:

Gramáticas na escola: teorias formalistas e ensino/aprendizagem de língua portuguesa (L1/L2) na Educação Básica

Coordenadoras: Helena Guerra Vicente (UnB) e Roberta Pires de Oliveira(UFSC)

A ambiguidade nas relativas de grau: uma discussão em sala de aula

Autores: Wagner Santos ¹

Instituição: ¹ UnB - Universidade de Brasília

Resumo: O presente trabalho busca, à luz da linguística gerativa (Kato, 1996; Kenedy, 2014), bem como da psicolinguística (Ribeiro, 2005; FRAZIER, L. & RAYNER, K, 1982), discutir possíveis ambiguidades, possibilidade de leituras duplas para as sentenças, encontradas em um tipo específico de orações relativas, as **existenciais**. Tal discussão será orientada para o estudo em sala de aula, considerando o *input* dos estudantes. O trabalho insere-se nas atuais questões acerca da relação entre linguística e ensino de língua portuguesa, como propõem Pilati *et al* (2012) e Lobato (2015). Para as autoras, há necessidade de uma visão linguística mais presente nas salas de aula, eliminando o pouco caso que muitas vezes é encontrado com relação ao conhecimento linguístico prévio do estudante. As orações relativas, chamadas na GT de adjetivas, encontram-se divididas, tradicionalmente, em restritivas e apositivas. Aqui, trabalhamos com a possibilidade de mais uma leitura, as relativas de grau, que apresentam, seguindo Grosu & Landman (1998) Grosu (2002) e Szczegielniak (2012), uma leitura de maximalização do nome relativizado. É o que encontramos em orações como “Eu trouxe comigo os livros que havia sobre a mesa”, classificada correntemente como restritiva e, a nosso ver, apresentando leitura de totalidade do nome relativizado. Tais orações seriam divididas em duas subclassificações: as relativas existenciais e as de quantidade. No caso das primeiras, haveria possibilidade de leitura ambígua, como ocorre em “Toquei para o curral as vacas que estavam no pasto”, em que temos leitura maximalizada, em que se compreende que todas as vacas que estavam no pasto foram conduzidas ao curral, como também é possível interpretar que somente as vacas que estavam no pasto foram conduzidas ao curral, em detrimento de outras que ali existiam. Percebe-se, então, que a visão linguística, tanto de classificação em relativas de grau quanto a possibilidade de discussão das ambiguidades em contexto escolar.

Palavras-chave: Orações relativas, Ensino de Português, Ambiguidade, Maximalização, Linguística Gerativa

A concordância verbal e a posição de objeto na escrita de alunos da EJA

Autores: Stefania Caetano Martins de Rezende Zandomênicó ^{1,2}

Instituição: ¹ UnB - Universidade de Brasília, ² SEDF - Secretaria de Educação do Distrito Federal

Resumo: A língua escrita do falante letrado proveniente da Educação de Jovens e Adultos (EJA) constitui o objeto de estudo do presente trabalho, que tem como objetivos investigar a gramática do falante letrado proveniente da EJA e fazer uma análise acerca do acesso desses falantes à Gramática Universal no curso de sua aprendizagem da língua escrita formal. Analisamos de que maneira a concordância verbal se manifesta nos textos escritos dos alunos de EJA, comparativamente com a manifestação da concordância verbal presente em textos escritos de alunos de ensino regular. Analisamos, ainda, nas duas modalidades de ensino, de que forma se dá o preenchimento do objeto em contextos acusativos. Trabalhamos com a hipótese de que os alunos da EJA demonstram menos marcas explícitas de concordância verbal e menor índice de clíticos acusativos em textos escritos formais, se comparados aos alunos de ensino regular. Este trabalho se enquadra na linha teórica da Gramática Gerativa, que postula a existência de uma faculdade da linguagem, isto é, de um órgão da mente humana responsável pela aquisição da linguagem, e de uma Gramática Universal (GU), a partir da qual os parâmetros da língua adquirida são fixados pelos falantes. Considerando-se que, quando os alunos da EJA têm contato com a língua formal escrita, os parâmetros de sua língua já estão fixados, fazemos uma analogia entre a aprendizagem da língua escrita formal por alunos da EJA e a aprendizagem de uma segunda língua por falantes adultos. Nessa perspectiva, os dados considerados neste estudo ensejam uma análise acerca do acesso desses falantes à GU no curso de sua

aprendizagem da língua escrita formal. A despeito de nossa hipótese inicial, os dados encontrados revelaram mais semelhanças do que diferenças entre si.

Palavras-chave: concordância verbal, Educação de Jovens e Adultos, gerativismo, língua escrita, posição de objeto

A gramática como descoberta

Autores: Maria José Foltran¹, Marcos Barbosa Carreira²

Instituição: ¹UFPR - Universidade Federal do Paraná, ²UEPG - Universidade Estadual de Ponta Grossa

Resumo: O objetivo deste trabalho é rever a discussão sobre ensino de gramática, feita nos últimos anos no Brasil, argumentando que esse ensino pode contribuir sobremaneira para maior compreensão da língua materna e de línguas estrangeiras, desde que embasado em conhecimento científico. Nosso encaminhamento é que o ensino de gramática precisa trabalhar com duas acepções: a) a gramática possibilita entender por que uma expressão linguística significa o que ela significa; b) aprender gramática é aprender a explicitar regras que sabemos, mas que não são conscientes e, ao mesmo tempo, aprender a refletir sobre elas. Com a primeira acepção, argumentaremos contra a ideia de que a gramática não ajuda em nada na produção e compreensão de textos, tese amplamente defendida por alguns profissionais que defendem a aprendizagem da língua por meio de textos, apenas. Embora concordemos que o objetivo central do ensino de língua seja formar o cidadão, tendo por meta a leitura e compreensão de gêneros textuais, defendemos que a gramática tem um papel importante na aquisição desse conhecimento. Com a segunda acepção, demonstramos que o ensino de gramática é uma ferramenta única para explicitar um conhecimento interiorizado, permitindo um domínio maior em duas direções: a) desenvolver uma reflexão científica sobre um fato natural, a linguagem, por meio de uma metodologia que pode ser generalizada para qualquer outro campo científico; b) perceber o funcionamento das línguas naturais. Nessas bases, o ensino de gramática não pode mais ser entendido como ensino da modalidade culta, embora ninguém negue que dominar a vertente culta da linguagem seja atribuição da escola. Concluímos o trabalho mostrando a necessidade de separar ensino de gramática e ensino de língua culta. Somente assim o ensino de ambas pode fazer sentido e produzir resultados positivos.

Palavras-chave: Análise linguística, Ensino de gramática, Gramática internalizada

A linguística e a semântica formal na escola

Autores: Roberta Pires de Oliveira¹

Instituição: ¹UFPR - Universidade Federal do Paraná, ²CNPq - CNPq

Resumo: Nessa apresentação argumento que a linguística em geral e a semântica em particular podem ser uma maneira de alterarmos os índices educacionais brasileiros. O projeto de Pisa avalia o desempenho de alunos de ensino fundamental em leitura e interpretação de textos, matemática, ciências e resolução de problemas cotidianos. O relatório mostra que a educação brasileira deixa a desejar. Na primeira parte discuto porque a linguística pode ter um efeito positivo sobre todas essas áreas. Analisar as línguas naturais permite ensinar metodologia científica sem haver necessidade de laboratórios. Se essa análise tiver como objeto de estudos a língua dos alunos terá também um efeito crítico com relação ao senso comum que dissemina a falsa crença de que certas variedades não são línguas, não têm gramática. A proposta é levar os alunos a construir gramáticas. Essa encontra respaldo em várias experiências pedagógicas em comunidades carentes (veja O'Neil, Honda & Pippin (2010), por exemplo) que mostraram que alunos que foram treinados como linguistas tiveram um desempenho melhor em ciência e em leitura e interpretação de textos. A segunda parte procura mostrar que a semântica permite uma conversa íntima entre as línguas naturais e a matemática. A capacidade semântica de um falante está enraizada em estruturas matemáticas que o falante domina sem ter consciência sobre elas. Ganhar essa consciência através da reflexão sobre uma língua natural permite entender noções como variável, função, conjuntos.

Palavras-chave: linguística, Ensino de língua, semântica, matemática

Ainda a "gramática contextualizada" nas aulas de português

Autores: Leonor Simioni ¹

Instituição: ¹ UNIPAMPA - Universidade Federal do Pampa

Resumo: Uma questão muito enfatizada por diversos autores que têm se dedicado a discutir o ensino de gramática na escola é a necessidade de que ele seja *contextualizado*, isto é, que parta de contextos e exemplos de uso concreto da língua, e não de "frases soltas". Há, porém, um outro sentido, mais básico, em que se pode falar de *contextualização* do ensino de gramática: a contextualização da gramática em relação a si mesma. Trata-se de abordar os conteúdos gramaticais relacionando-os aos demais conteúdos previamente trabalhados, sem os quais, no mais das vezes, a compreensão dos fenômenos estudados não é possível. É *desta* contextualização que pretendemos tratar, partindo de relatos de observações de aulas de português ministradas nas escolas municipais da cidade de Jaguarão (RS). Especificamente, evidenciaremos a segmentação dos temas gramaticais trabalhados na escola a partir de uma análise do ensino dos conteúdos "crase" e "regência verbal". Observa-se que a metodologia do ensino de crase envolve a memorização de uma sequência de regras aparentemente aleatórias, sem qualquer menção a questões de regência verbal ou nominal; do mesmo modo, nas aulas sobre regência verbal tem-se uma lista de verbos a serem memorizados, sem nenhum comentário sobre a sua relação com o correto emprego da crase na escrita. Após breve discussão sobre a nocividade dessa abordagem fragmentada, indicamos possíveis formas de se trabalhar a gramática na escola de uma forma mais produtiva, integrando os conteúdos e deixando claras as relações entre eles. Concluímos defendendo que, se a gramática não for contextualizada em relação a si mesma, pouco adianta que seja trabalhada a partir de exemplos de uso concreto da língua.

Palavras-chave: crase, ensino de gramática, gramática contextualizada, regência verbal

Aplicação de uma sequência didática em Educação Linguística: refletindo sobre língua, gramáticas e normas linguísticas no nono ano do Ensino Fundamental

Autores: Mônica de Azevedo Rodrigues Paulo ¹

Instituição: ¹ UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Resumo: O ensino-aprendizagem da disciplina Língua Portuguesa se apresenta como um desafio para professores e alunos visto que falta reconhecimento da diversidade linguística (LIMA, 2014) no ambiente escolar, onde se tende a valorizar apenas a norma linguística de prestígio. Isso gera um conflito, pois aquilo que é apresentado para os discentes como "a Língua Portuguesa" está bem distante de sua experiência pessoal com a língua. Em via de eliminar esse conflito, os PCN's e o PNLD estabelecem a inserção do tema variação linguística no conteúdo programático da disciplina Língua Portuguesa, entretanto, ainda perdura uma lacuna no tratamento desse tema. A preocupação em preencher essa lacuna motivou este trabalho, que teve como objetivo principal propor e aplicar uma sequência didática para uma turma de nono ano do Ensino Fundamental de um CIEP do Rio de Janeiro. A sequência abordou os seguintes temas: língua, gramáticas e normas linguísticas, a fim de contribuir com a realização de uma Educação Linguística eficaz (BAGNO; RANGEL, 2005). Esses três conteúdos principais geraram desdobramentos que proporcionaram a discussão dos seguintes tópicos: variação e preconceito linguísticos. As ferramentas utilizadas para identificar os conteúdos assimilados pelos alunos foram a avaliação da participação da turma e os resultados de quatro atividades específicas. Considerando a complexidade e o ineditismo dos conceitos apresentados na sequência didática, o desempenho da classe foi satisfatório. Os alunos também responderam a dois questionários, um no início da sequência e outro ao final, que tinham o propósito de avaliar se houve mudança com relação ao entendimento da existência da variação linguística e do preconceito linguístico. O primeiro questionário revelou que a maioria dos alunos já havia sofrido e praticado preconceito linguístico; já o segundo mostrou que a maioria dos discentes assimilou a noção de preconceito linguístico e rompeu com a ideia de certo e errado na língua.

Palavras-chave: Educação Linguística, Preconceito Linguístico, Sequência Didática para Educação Básica

Clíticos acusativos de terceira pessoa: a qualidade do input em livros didáticos de língua portuguesa do ensino fundamental

Autores: Ana Carolina Nunes de Aguiar ¹
Instituição: ¹ UnB - Universidade de Brasília

Resumo: Pesquisas mostram que, no Português Brasileiro (doravante PB), o contexto típico do clítico acusativo de terceira pessoa (doravante CA3P) é a escrita culta (CORRÊA, 1991), pois este não estaria mais disponível como dado robusto durante o processo de aquisição, devendo ser aprendido (DUARTE, 1986; LIGHTFOOT, 1991; NUNES, 2015; OMENA 1978). O que se espera é que quanto maior o domínio da escrita pelo aluno, maior será a utilização de CA3P (PIRES DE OLIVEIRA E QUAREZEMIN, 2016). Estudos como o de CORRÊA (1991), AVERBUG (2000), OLIVEIRA (2007) e KATO, CYRINO & CORRÊA (2009) ratificam o papel da escola na recuperação dos CA3P na escrita, mostrando que clíticos começam a aparecer nos dados da 3ª e 4ª série – 12%, atingindo um percentual de 86% entre os universitários, porém, não há, ainda, estudos acerca da natureza do *input* ofertado por meio da avaliação dos livros didáticos. O objetivo deste trabalho é suprir essa lacuna, discutindo se a quantidade e qualidade do *input* fornecido nos textos e exercícios (GOODALL, 2010), bem como a presença de instruções didáticas ao professor, a partir de sugestões de eliciação, permitem ao aluno identificar os contextos de fala e de escrita no uso dos CA3P. A técnica de eliciação baseia-se na extração de informação previamente conhecida pelos alunos, antes que a eles seja apresentado conteúdo novo (VICENTE & PILATI, 2012; LOBATO 2015b). Análise preliminar de duas coleções de 5º, 7º e 9º ano mostrou que o *input* apresentado parece não favorecer essa distinção pelo aluno, tendo em vista a baixa ocorrência de contextos de fala e de sua relação com a construção da escrita, além da ausência de sugestões de eliciação ao professor, desconsiderando o conhecimento internalizado do falante (CHOMSKY, 1986). Assim, a pesquisa proposta pode fornecer subsídios para a formulação de metodologias de ensino da escrita culta.

Palavras-chave: Clíticos acusativos de terceira pessoa, Conhecimento Internalizado, Escrita/fala, Livro didático, Qualidade do input

Diglossia no PB: múltiplas gramáticas e problemas de letramento formal

Autores: Eduardo Kenedy ¹
Instituição: ¹ UFF - Universidade Federal Fluminense

Resumo: Nesta comunicação, pretende-se apresentar o projeto de pesquisa em andamento intitulado “Múltiplas gramáticas do português brasileiro e letramento formal: abordagem psicolinguística e intervenção pedagógica”. O projeto investiga aspectos da diglossia entre vernáculo e escrita culta no Português do Brasil (PB) em três etapas. Primeiramente, procura-se identificar os principais fenômenos gramaticais e discursivos que conferem à escrita culta o status de segunda língua na cognição dos estudantes brasileiros de origem popular, à luz da hipótese do bilinguismo universal (ROEPER, 1999), da teoria das múltiplas gramáticas (AMARAL & ROEPER, 2014) e da interpretação diglossia entre os vernáculos do português do Brasil e a escrita culta da língua. Com base nesse inventário morfossintático e discursivo, o projeto será encaminhado para sua segunda etapa: a formulação de uma gramática pedagógica, cujo objetivo será orientar professores e estudantes quanto ao aprendizado dos traços linguísticos da língua alvo (escrita culta) ausentes na língua de origem (vernáculo). Esse trabalho será pautado no modelo D.A.I. (Description, Assesment and Intervention – Descrição, Avaliação e Intervenção), que, entre outras funções, relaciona trabalhos de linguística descritiva e pesquisa experimental a programas de letramento para alunos em contextos diglóticos. Por fim, na terceira etapa do projeto, pretende-se desenvolver um instrumento avaliativo capaz de aferir objetivamente o nível de letramento dos estudantes brasileiros, por meio de metodologias experimentais on-line, como o rastreamento ocular, e paradigmas off-line, como o teste de Cloze e score de desempenho em tarefas de leitura e interpretação de estímulos escritos em língua culta formal e semi-formal. O projeto se caracteriza, portanto, como um esforço para relacionar linguística teórica, psicolinguística experimental e Educação com vistas ao grave problema do analfabetismo funcional no Brasil (cf. IBGE, 2014).

Palavras-chave: múltiplas gramáticas, letramento, analfabetismo funcional

Gramática e o ensino de Língua Portuguesa: da teoria à prática

Autores: Antonia Clemilda Almeida Costa ¹

Instituição: ¹ UESPI - Universidade Estadual do Piauí

Resumo: O ensino de gramática, tal como tem sido trabalhado em sala de aula, tem contribuído e favorecido para uso eficiente da língua no que se refere ao desenvolvimento da capacidade leitora e da produção escrita dos alunos? Buscando responder tal questão, o presente estudo trata-se de um recorte da dissertação de mestrado, cujo objetivo é investigar se ensino de gramática como tem sido trabalhado em contexto de sala de aula, tem propiciado ao aluno o desenvolvimento de sua competência linguística e comunicativa. Busca-se, ainda analisar como se tem efetivado a prática pedagógica de trabalho com a gramática, em sala de aula, a partir do uso de textos como objeto de estudo. Como aporte teórico usou-se leituras de Antunes (2014/ 2013/2007), Faraco (2006), Travaglia (2009/2007/1996), Perini (2010/2008/1997/1996), Geraldi (2003), Possenti (2001), PCN (2003), dentre outros. Quanto aos procedimentos metodológicos, trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa-descritiva, aliando à pesquisa de campo. Para coleta de dados, foi usado os instrumentais de análise: questionário, observação, gravações em áudio, anotações de campo e para a análise dos dados, usou-se as respostas do questionário aplicado à professora do 7º ano do ensino fundamental de uma escola da rede municipal da cidade de Altos (PI), bem como os dados coletados durante a observação das aulas. Desta forma, de acordo com os resultados obtidos nessa pesquisa, depreendemos que o ensino de gramática nas aulas de Língua Portuguesa não atendeu ao objetivo de fazer com que o aluno desenvolva e amplie sua competência linguística, epilinguística, metalinguística e comunicativa, uma vez que não foi propiciado ao aluno uma reflexão quanto ao uso da língua em suas diversas formas de interações.

Palavras-chave: Gramática, Ensino de Língua Portuguesa, Prática pedagógica

Linguística gerativa e o ensino de gramática do português escrito como segunda língua para surdos na educação básica: um diálogo possível

Autores: Layane Rodrigues de Lima Santos ^{1,2}

Instituição: ¹ UFG - Universidade Federal de Goiás ² UnB - Universidade de Brasília

Resumo: Este trabalho propõe uma aproximação entre os pressupostos da Linguística Gerativa de Noam Chomsky (1957 e posteriores) e o processo de ensino de gramática do português escrito para surdos na educação básica, em uma perspectiva de segunda língua (L2). O objetivo é examinar de que forma pressupostos tais como a competência linguística, a Gramática Universal, o input e a interlíngua podem contribuir para um maior entendimento, por parte dos professores, dos fenômenos linguísticos oriundos da gramática do português escrito produzidos por surdos usuários, em sua maioria, da Língua Brasileira de Sinais (Libras) como primeira língua. Para isso, abordam-se algumas diferenças paramétricas entre o português e a Libras, sobretudo no que se refere à ordem da frase, e como essas diferenças se manifestam na produção escrita de surdos concluintes do Ensino Médio, a partir da análise de excertos das redações do Exame Nacional do Ensino Médio, edição de 2014. Os dados revelam a interferência da Libras e a formação de diferentes níveis de interlíngua nesse processo de produção escrita do português como L2. Dessa forma, essa pesquisa busca ampliar o entendimento dos docentes no que se refere à produção do conhecimento na L2 por parte do aluno surdo, facilitando, assim, a organização das sequências de ensino e a elaboração de materiais didáticos com o objetivo de promover uma educação linguística eficaz.

Palavras-chave: Linguística Gerativa, Português, Surdos

Muitas gramáticas, muitas normas: por que ensinar língua padrão?

Autores: Marcelo Moraes Caetano ¹

Instituição: ¹ UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Resumo: A linguagem, com a pluralidade que seu conteúdo encerra, se realiza na expressão de uma língua concreta, atravessada pela interdiscursividade, patenteada na multiplicidade de textos, de que tratam autores como Charaudeau e Maingueneau. Toda língua, por ser imanente a pessoas com histórias e culturas diversas, apresenta, portanto, extensa diversidade discursiva, refletida nos domínios ou comunidades diferentes que dela lancem mão. Todos esses diversos domínios, no entanto, apresentam normas para que seus falantes se compreendam. Essas normas, quando agrupadas em conjuntos, podem

ser consideradas como gramáticas que perpassam e descrevem as variantes da língua em questão, o que ocasiona uma polissemia inerente aos conceitos de “gramática” e de “norma”. Cabe à escola a perspectiva de, dialeticamente às variantes havidas por diversos fatores, apresentar ao aluno a variante da língua chamada padrão, porque tal variante é adequada a certos contextos situacionais e, por isso, seu conhecimento permite o acesso pleno à cidadania, como mostra Azeredo. Procuro, neste artigo, explicitar essa afirmação, bem como esboçar meios para que haja êxito no ensino da Gramática da Norma-padrão, alicerçado num conjunto de práticas que envolve a prescrição (evidenciada por estudiosos como Bechara), a subjetividade (encarecida por linguistas como Benveniste) e a alteridade (presente nos trabalhos de Bakhtin, Neves e Antunes).

Palavras-chave: Normas, Gramáticas, Norma-padrão

O ensino da língua não é o ensino do certo

Autores: Luiz Percival Leme Britto ²

Instituição: ² UFOPA - Universidade Federal do Oeste do Pará

Resumo: O debate sobre o conceito e a prática de ensino da Língua Portuguesa na educação escolar no Brasil, não obstante o aporte da linguística e da educação de pelo menos meio século, continua prisioneiro da pauta tradicional, fazendo com que toda a discussão sobre conteúdos, finalidade e métodos prevaleça submetida ao certo da língua. É isso parecer ser o caso mesmo quando se examinam as propostas de educação linguística inspiradas na sociolinguística, nos modelos pragmático-discursivos – teoria da enunciação, teorias textuais de coesão e coerências – e nas concepções funcionalistas. A noção de variação ficou presa à dicotomia língua padrão / culta x língua não-padrão / não-culta, com dificuldade de estabelecer o que é língua e o que é variedade e de definir o objeto de ensino escolar. A tradição gramatical recuperada por um movimento sistemático de linguista que se propuseram a produzir gramáticas sustentadas pelos estudos linguísticos contemporâneos tampouco tem conseguido escapar da armadilha normativa. Aparentemente, a educação linguística que se propõe à escola e os que se fazem nela parecem continuar limitados às perspectivas tradicionais, sem que se saiba o que e por que se estuda a língua. A mesma dinâmica parece impor-se as propostas e práticas de leitura e produção de textos, inclusive as que se sustentam na teoria dos gêneros discursivos: a ênfase está fixar modelos de redação e em ensinar protocolos de uso, aos quais se associa a gramática do certo-e-errado. Nesta apresentação, busca-se inicialmente evidenciar as principais contradições das concepções de ensino de língua portuguesa, considerando as dimensões da Linguística e da Educação, para, em seguida, buscar estabelecer um conjunto de princípios epistemológicos e pedagógicos para o ensino de LP em bases independentes da pauta tradicional.

Palavras-chave: Língua Portuguesa, ensino-aprendizagem, pauta normativa, teorias linguísticas, teorias do conhecimento

O ensino da língua portuguesa para surdos

Autores: Conceição Maria Marinho dos Santos ¹

Instituição: ¹ Estácio Recife - Faculdade Estácio Recife

Resumo: Este trabalho teve como objetivo analisar as concepções do professor no contexto educacional inclusivo acerca do texto escrito do aluno surdo. De modo geral, na formação desses docentes, o ensino da língua portuguesa para surdos não é tratado e isso acarreta dificuldades na compreensão dos elementos que compõem o texto desse aprendiz, geralmente, atravessado pela língua de sinais. Desse modo, não compreendendo as razões do desempenho do surdo, o professor não identifica os elementos que podem estar presentes no texto escrito e que compõem a transição de uma língua para outra, os reconhecendo como erros. Situação que pode levar o surdo não fazer o processo de aprendizagem. Utilizamos uma metodologia qualitativa- descritiva. A coleta de dados foi realizada com onze sujeitos, por meio de uma entrevista semiestruturada e os dados depois de descritos literalmente foram categorizados. A coleta de dados foi realizada através de relatos, onde foram categorizados e analisados à luz de Bardin (1979) pela análise do conteúdo. As construções sintáticas empregadas pelo surdo mostram a influência da língua de sinais que, por apresentarem outra estrutura, trazem peculiaridades para a escrita da segunda língua, e nesse caso podem comprometer o entendimento do texto, quando é lido por professores que desconhecem esse trânsito. Os dados nos levaram a reflexões que apontam para o fato de que os professores de salas inclusivas, por não terem uma formação especializada, não estão conseguindo melhorar a escrita dos alunos surdos, o que nos permitem sugerir aos professores uma revisão de sua prática que deva incluir as

perspectivas indicadas ao conceber que se trata de um aprendiz de uma segunda língua, independente da perda auditiva que possui.

Palavras-chave: escrita, língua portuguesa, professor, surdez

O gênero textual e o ensino da gramática

Autores: Aira Suzana Ribeiro Martins ¹

Instituição: ¹ CPII - Colégio Pedro II

Resumo: Muito se discute sobre a incapacidade dos estudantes em interpretar satisfatoriamente e redigir um texto de forma coesa e coerente. Alguns acreditam que essas competências podem ser adquiridas a partir do simples hábito de leitura. Sem dúvida, a prática constante da leitura é de grande importância para o desenvolvimento da competência comunicativa, porém não é suficiente para que o indivíduo seja capaz de perceber o funcionamento da língua e refletir sobre ela. Somente com o conhecimento da Gramática o indivíduo será capaz de reconhecer as características dos vários usos a que a língua se presta e ter a habilidade de empregar o registro adequado às necessidades comunicativas. Nesse sentido, nosso trabalho pretende refletir sobre a necessidade do ensino da Gramática para que o aluno adquira condições de buscar informação em qualquer tipo de fonte de forma autônoma. Para que esse objetivo seja alcançado, propomos o estudo dos elementos linguísticos associados aos gêneros textuais. Desse modo, o aluno perceberá a função da língua na construção do texto e também a necessidade da reflexão e da investigação linguística. Esse conhecimento fará com que ele perceba e respeite as variedades linguísticas para que possa fazer uso delas nas diferentes situações de forma adequada.

Palavras-chave: Gênero textual, Leitura, Escrita, Conhecimento linguístico

O input no aprendizado do uso do sujeito nulo na escrita por alunos da educação básica

Autores: Edite Consuelo da Santos ¹, Helena da Silva Guerra Vicente ²

Instituição: ¹ UFPE - Universidade Federal de Pernambuco, ² UnB - Universidade de Brasília

Resumo: No presente estudo, a estrutura linguística investigada é o sujeito nulo, e a teoria de base é a gramática Gerativa. Como é consenso entre os estudiosos do sujeito nulo no português do Brasil (NEGRÃO, 1990; DUARTE, 1995; CYRINO, DUARTE & KATO, 2000), o uso dessa estrutura está diminuindo drasticamente, e o sujeito pleno já é predominante em diversos contextos de fala. Desde o início do período escolar, portanto, a criança possui, em sua gramática interna, diversos contextos de fala que favorecem o preenchimento da estrutura sujeito, porém, ao chegar à escola, se depara com outra forma de expressão da linguagem – a escrita – que não favorece o preenchimento, e sim o nulo. Segundo Magalhães (2000), os alunos do Ensino Fundamental no Brasil utilizam o sujeito nulo nas redações escolares com eficiência – de acordo com o que a escola exige – apenas nos últimos anos (8º e 9º), e as correções feitas pelos professores não são eficientes para adequar o uso do sujeito nulo na escrita a curto prazo. O que propomos neste estudo é verificar o papel do livro didático no aprendizado do uso do sujeito nulo na escrita, observando se ele oferece o input com a qualidade e a quantidade necessárias para o aluno aprender o uso do sujeito nulo na escrita, bem como se os autores discorrem, no manual do professor ou nas sugestões dadas ao professor no decorrer do livro, sobre técnicas como a “eliciação” (eliciting), que aproveita o conhecimento prévio (a gramática internalizada) do aluno, fazendo com que ele procure respostas a partir desse conhecimento. Nossos resultados apontam que o input fornecido pelo livro didático apresenta tanto o uso do sujeito nulo, característico da escrita mais formal, quanto do sujeito pleno com as inovações da fala do português brasileiro.

Palavras-chave: Input, Fala, Escrita, Sujeito nulo

Pistas linguísticas da argumentação

Autores: Teresa Wachowicz ¹, Denise Mazocco ¹

Instituição: ¹ UFPR - Universidade Federal do Paraná

Resumo: Este trabalho tem o objetivo de desenvolver um levantamento dos fenômenos gramaticais sintático-semânticos presentes em produções textuais de alunos da Educação Básica (Projeto PIBID

Português/UFPR). O primeiro critério de análise versa sobre textos com problemas de argumentação (Pecora 1992), que tipicamente não aderem ao “projeto de dizer” (Possenti 2002). Aqui, há dois fenômenos: ora os alunos se utilizam de expressões com semântica genérica, tais como bare nominals (Carlson, 1977) ou expressões escalares que disparam pressuposições de opostos abertos (Kennedy & McNally 1999), respondendo ao que De Lemos (1977) nomeou tradicionalmente como “estratégias de preenchimento”, ora os alunos se utilizam do recurso de elisão sintática em estruturas argumentais (Rappaport Hovav & Levin 2005), respondendo ao que estamos nomeando como “estratégias de esvaziamento”. Do ponto de vista retórico, esse padrão tipifica o senso comum do gênero redação escolar. Por outro lado, o nosso segundo critério de análise versa sobre textos com maturidade argumentativa, que aderem ao “projeto de dizer”. Nesses casos, observaram-se tanto fenômenos gramaticais orientados a uma semântica de referência específica ou concreta, quanto a um preenchimento sintático em estruturas complexas. Paralelamente ao diagnóstico dos problemas, verificamos uma gramática de língua materna manipulada em problemas linguísticos que se verificam tanto em questões discursivas quanto em unidades gramaticais mínimas (Pinker, 2016). Na prática, a orientação metodológica baseou-se nas atividades de reescrita – coletiva e individual - e reconhecimento de lugares sintáticos de estatutos semânticos variados. Relativamente a orientações curriculares, a análise acima aponta para atividades de reflexão gramatical que sustentam opções argumentativas - que vão além da visão vigente da gramática como “recursos de efeito de sentido” (BNCC, 2016).

Palavras-chave: argumentação, semântica, sintaxe

Três eixos para o ensino de gramática: uma proposta experimental

Autores: Daniela da Silva de Souza ¹, Sílvia Rodrigues Vieira ²

Instituição: ¹ SEEDUC - Secretaria Estadual de Educação do RJ, ² UFRJ - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Resumo: Como bem ilustra a proposta da Base Curricular Comum Nacional, tem-se priorizado, como fundamentos da concepção do ensino de língua materna, as chamadas práticas da linguagem (leitura, escrita e oralidade), propostas para a preparação do indivíduo nos “campos da vida cotidiana, político-cidadão, literário e investigativo”. Após debate nacional e justas críticas sobre o lugar da gramática na organização curricular, o documento em sua versão revista formaliza quatro eixos para o trabalho em sala de aula, dentre os quais situa o “conhecimento sobre a língua e a norma”, que configuraria “suporte” para as referidas “práticas de linguagem”. O presente trabalho parte do pressuposto de que a dicotomia “prática de análise linguística” e “ensino de gramática”, construída nos últimos 40 anos, não foi benéfica à formação do professor de Língua Portuguesa, nem ao ensino de língua materna como um todo. Enfrentando o desafio de propor estratégias para o ensino produtivo de gramática, o trabalho parte da proposta experimental elaborada no âmbito do Mestrado Profissional em Língua Portuguesa, para a abordagem do componente linguístico em três eixos de aplicação: (i) gramática e abordagem reflexiva (atividades linguística, epilinguística e metalinguística); gramática e produção de sentidos (recursos expressivos para significar nos textos); e (iii) gramática e variação linguística (domínio de normas). Ilustramos tal proposta com base na elaboração de estudos dirigidos com temas morfossintáticos, como o da indeterminação do referente/sujeito. Sem dúvida, tanto a concepção de gramática como “competência”, quanto como “reconstrução científico-teórica” têm lugar no desenvolvimento do trabalho. Com base nos referidos eixos, considera-se fundamental conceber como legítimo propósito para o ensino, dentre outros, a reflexão linguística. Os desafios da sala de aula exigem que recorramos aos quadros teóricos que a Linguística tem oferecido ao longo de sua história, para obtermos êxito no cumprimento dos objetivos que ousamos formular.

Palavras-chave: ensino de gramática, reflexão linguística, proposta pedagógica

Caderno de resumos do X Congresso Internacional da ABRALIN – Pesquisa linguística e compromisso político. / Organizadores: Anabel Medeiros de Azerêdo; Beatriz dos Santos Feres; Patrícia Ferreira Neves Ribeiro; Roberta Viegas Noronha; Silmara Dela Silva. Niterói: UFF, 2017.
Disponível em: <<http://abralin.org/congresso2017/programacao-1?prog=simposios>>.